

SÉTIMO DOMINGO DE PÁSCOA

TEXTO: JOÃO 17.20-26

Salmo 133

Apesar do início do salmo ser inspirador de músicas e textos que celebram o fato de irmãos na fé estarem juntos, reunidos, especialmente num contexto pós-pandemia de retorno a encontros presenciais, o Salmo 133 propõe uma reflexão bem mais profunda sobre essa união entre o povo de Deus.

Irmãos nem sempre são unidos, mesmo os de sangue. Temos exemplos disso já no início da narrativa bíblica de Caim e Abel, e os problemas entre os filhos de Jacó, bem como entre as 12 tribos de Israel.

O pecado e suas consequências afastam pessoas umas das outras e atrapalham a comunhão entre o povo de Deus. Uma união que tenta se fundamentar apenas nos esforços humanos dificilmente será realmente boa e agradável.

Por isso, o Salmo 133 mostra o verdadeiro fundamento da união boa e agradável entre os irmãos e irmãs: a bênção do SENHOR que dá a vida eterna.

A presença redentora e santificadora do SENHOR é capaz de unir pecadores como um só povo, como irmãos e irmãs, assim como o óleo puro que une sacerdote e roupa sacerdotal ao percorrer todas as suas partes, ou como orvalho que vem do Norte e vai até o Sul conectando todo o território.

A bênção araônica proclamada pelo sacerdote em Sião, no templo do SENHOR, conecta o povo com o nome sagrado do próprio Deus. São mais do que palavras bonitas, é a Palavra criadora, o próprio Logos que se fez carne, o único capaz de transformar uma união entre pecadores em algo verdadeiramente bom e agradável, aqui ainda de forma imperfeita, mas um dia completa na vida eterna.

Atos 1.12-26

Os discípulos de Jesus seguem a ordem dada por Jesus antes de subir ao céu, e permanecem em Jerusalém aguardando o cumprimento da promessa da vinda do Espírito Santo.

Em Jerusalém, eles continuam se reunindo com outros 120 seguidores de Jesus em oração. O fato de Lucas detalhar o local em que eles se reuniam pode ser um indicativo de que estavam se reunindo no local em que Jesus ceou com eles antes de ser preso e crucificado, o local da instituição da Santa Ceia.

Num desses encontros, Pedro expressa um forte lamento pelo fato de o grupo dos 12 escolhidos por Jesus não estar mais completo. Pedro lembra que Judas era “do nosso grupo e foi escolhido”, mas escolheu trair o Senhor Jesus fazendo com que se cumprissem as Escrituras.

É necessário que o grupo dos 12 esteja completo novamente, pois esse era o número de homens escolhidos por Jesus e por toda a conexão do número 12 com toda a história da salvação no Antigo Testamento.

Mas como fazer isso? É necessário um critério para a escolha. E o critério determinado é que o escolhido tivesse testemunhado pessoalmente toda a trajetória de Jesus, desde seu batismo no Jordão até sua ascensão. E só dois preenchem o requisito. Após oração pedindo a orientação do Senhor, a escolha se dá por sorteio e Matias passa a tornar completo o grupo novamente.

Mas chama a atenção o fato de que não bastava completar o grupo numericamente, mas o grupo precisava manter-se conectado. Não poderiam escolher alguém que não tivesse sido testemunha daquilo que verdadeiramente conectava unia aqueles 12 homens: a vida, ensino e obra de Jesus.

O fato de escolherem uma testemunha ocular nos faz refletir também sobre nosso testemunho hoje. Não somos defensores de ideias nem de conceitos abstratos, mas confessamos a fé que veio a nós por meio de testemunhas oculares, confessamos fatos, história verdadeira, inclusive de pessoas que estiveram com o próprio Cristo ressuscitado.

Apocalipse 22.1-6(7-11)12-20

João é testemunha ocular do Jardim do Éden restaurado, a nova criação, onde a morte não faz mais parte da realidade pois a maldição sobre o pecado não está mais presente. Finalmente o povo de Deus, aqueles que tiveram suas roupas lavadas no sangue do Cordeiro, poderão experimentar comunhão perfeita com Deus a quem verão face a face, e a comunhão plena entre os irmãos e irmãs.

A Palavra do próprio Jesus, o Alfa e o Ômega, Raiz de Davi e brilhante Estrela da Manhã, é a garantia de que é verdadeira a promessa da restauração plena nos novos céus e nova terra. E a essa promessa, unido já aqui pela Palavra de Jesus, mesmo que de maneira imperfeita por causa do pecado ainda presente, o povo de Deus clama pela volta do Salvador e o cumprimento final de toda a história da salvação.

João 17.20-26

A chamada “Oração Sacerdotal” de Jesus registrada no capítulo 17 tradicionalmente é dividida em três partes, semelhantes à estrutura intercessora do sumo sacerdote no Dia do Perdão (Yom-Kippur). Jesus, nosso Sumo Sacerdote, intercede inicialmente por si mesmo pois é chegada a hora de revelar ao mundo a glória do Pai, e a glorificação do Pai passa pelo sacrifício na cruz. Num segundo momento, o Salvador intercede pelos seus discípulos e pelo êxito na tarefa que irá entregar a eles quando não estiver mais no mundo. E na terceira parte, que é justamente a do nosso texto, Jesus intercede pelos que ainda irão crer.

A intercessão do Filho junto ao Pai é dupla: a) que a mensagem confiada aos apóstolos faça com que muitos creiam que Jesus é aquele a quem o Pai enviou; b) que haja comunhão entre os que irão crer assim como há uma perfeita comunhão entre o Pai e o Filho.

O fato de Jesus orar ao Pai pedindo que a mensagem do Evangelho faça com que pessoas creiam que ele é o enviado do Pai pode ser explorada pelo pregador de diferentes formas: a confiança na ação do Evangelho mesmo em um mundo avesso à Palavra pois o próprio Senhor Jesus assim pediu ao Pai; a maravilhosa descoberta de que Jesus orou ao seu Pai não somente por aqueles que o viram e seguiram em seu tempo, mas também por cada um de nós, aqueles que não viram mas creram, e que a nossa realidade hoje como seguidores de Jesus é uma resposta direta do Pai ao pedido do Filho; a mensagem cristã não é uma mensagem conceitual sobre Deus, mas é a narrativa a respeito de uma pessoa, Jesus Cristo, o próprio Filho de Deus em carne e osso, morto e ressuscitado, o Filho enviado pelo Pai no Espírito Santo, e que pela ação do Espírito Santo nos quer levar à fé nele para sermos levados de volta à comunhão restaurada com o Pai, o Criado.

Para aqueles que optaram por pregar João 16.23-33 no domingo anterior, é possível estabelecer uma conexão direta com a oração de Jesus pela união entre os que crêem, pois

Jesus, que venceu o mundo, promete que a união com ele traz paz mesmo em meio a sofrimentos e perseguição.

Nesse sentido, cabe uma observação exegética que julgo importante especialmente para quem baseará sua pregação no texto da NTLH. Nos versículos 22 e 24, NTLH (para mim de forma pouco explicável pois o texto me parece ter ficado mais complexo do que o original) opta por traduzir $\delta\acute{o}\xi\alpha$ por “natureza divina” e não por “glória”. Menos se sustenta a tradução optada por se tratar do Evangelho de João, em que a glória do Pai se revela justamente na encarnação do Filho, que tem o sacrifício na cruz como ponto culminante. Além disso, me parece que a “glória” que Jesus diz ter compartilhado com os que o Pai confiou a ele e pela qual se expressa a comunhão desejada por Jesus na oração é exatamente a do amor sacrificial.

Jesus em nenhum momento ora para que seus seguidores não sofram ou não sejam perseguidos, mas para que a mensagem que pregamos faça o mundo crer naquele que o Pai enviou e para que seus seguidores se mantenham unidos mesmo em meio a dificuldades e sofrimentos.

E a união ou comunhão pretendida por Jesus não tem seu fundamento na ação ou esforço humano, e a história da igreja revela que se disso dependesse a oração de Jesus teria sido um grande fracasso. Trata-se, antes, da comunhão com o próprio Cristo, que nos trouxe pelo Batismo à comunhão restaurada com o Pai, comunhão que é maior que as imperfeitas ações de seus seguidores, comunhão que traz a paz que só aquele que venceu o mundo pode oferecer. É uma comunhão baseada na fé na vida e obra do Salvador por nós, assim como o critério utilizado em Atos para a escolha de Matias.

Essa comunhão com o Filho nos revela o amor do Pai e Jesus pede para que esse amor do Pai esteja presente em nós e nos mantenha em união. Aqui pode ser explorada a reflexão que leva ao arrependimento e à mudança quando confrontamos nossas atitudes como povo de Deus e aquilo que Jesus deseja para nós. Me parece que para muitos hoje que não creem, os cristãos passaram a representar um grupo de pessoas somente dispostas a julgar o próximo ou a destilar ódio contra aqueles que pensam diferente. O amor do Pai pelo Filho presente em nós deveria nos levar ao caminho da cruz que sacrifica nosso orgulho e nossa disposição em julgar ou condenar, nossa sede em expressar nossas convicções seculares com agressividade e energia que nos falta para falar de Jesus muitas vezes e misturando fé cristã com opiniões políticas ou culturais. E esse sacrifício de amor é ainda mais necessário dentro da própria igreja, entre o povo de Deus unido pelo amor recebido do Senhor, para que o testemunho de

nossas atitudes para com os próprios irmãos e irmãs não contrarie a mensagem que pregamos, mas seja uma demonstração de algo bom e agradável como expressa o Salmo 133.

Por fim, a oração sacerdotal de Jesus tem um caráter escatológico de uma união que só se tornará perfeita e plena quando o povo de Deus entrar no Jardim do Éden restaurado testemunhado por João no Apocalipse.

Rev. Rafael Juliano Nerbas